

MODELO DO PROCESSO DUAL DO LUTO COMO ENFRENTAMENTO AO LUTO CAUSADO PELA COVID-19

Luiz Henrique Bezerra
luiz.bezerra@aluno.fpp.edu.br
Professor Me. Bruno Jardini Mäder
bruno.mader@professor.fpp.edu.br

Introdução: A pandemia de Covid-19 causada pelo betacoronavírus SARS-CoV-2 levou o mundo ao isolamento social, como forma de diminuir as infecções, enquanto pesquisa-se vacinas e tratamentos efetivos contra a doença. É pelo prisma do isolamento social que a experiência de luto foi vivenciada, pois os rituais de despedida são encurtados, o caixão fechado, entre poucas pessoas ou podendo ser dias após a morte, devido ao fluxo intenso e velórios ocorrendo no cemitério. (OLIVEIRA; BISCONCINI; GUTIERREZ, 2020). Dessa forma, o processo de luto sofre alterações, pois a sua elaboração inicia no velório, ao receber afeto por familiares e amigos, que também estão em sofrimento, ou seja, é uma experiência social intensa e necessária para ajudar a família a passar por esse período de diversos sentimentos e mudanças na rotina. Durante a pandemia, a sociedade vem recebendo diversos estímulos: as mortes diárias, as variantes do vírus, proibições a espaços e impacto financeiro e político que geram depressão, ansiedade, estresse, síndrome do pânico, luto antecipatório e insegurança a toda população (LUKACHAKI *et. al*, 2020).

Percorso teórico realizado: Conforme Stroebe e Schut (1999), o luto é um processo cognitivo de enfrentamento da perda, repassando pelos momentos antes da morte e pelas memórias, com o objetivo de desapegar-se do falecido. Assim, o trabalho com o luto está alicerçado em confrontamentos com a experiência do luto, para realizar um acordo com a perda, evitando danos à saúde. A experiência de morte que assola uma família é acompanhada por rituais de despedidas, que foram higienizados com o passar do tempo. Durante a Idade Média a morte era um fato familiarizado pela sociedade, devido às condições insalubres de trabalho e vida, a falta de saneamento básico e a precária medicina. Foi a partir do século XVIII que a morte se tornou um tabu, compreendida como o roubo da pessoa amada do seu cotidiano, não mais como um processo natural. A partir do distanciamento social, os rituais de despedida são transferidos para funerárias, reduzindo o tempo e o tornando neutro, discreto e rápido. (BUSA; SILVA; ROCHA, 2019). O modelo do processo dual do luto foi elaborado pelos psicólogos Margatet Stroebe e Henk Schut, professores da Universidade de Utrecht, na Holanda. (GONZAGA; PERES, 2012). Conforme Stroebe e Schut (1999), o modelo foi desenvolvido originalmente para casos de lutos entre parceiros, porém ele pode ser aplicado em contextos de restauração de identidade, dessa forma, lutos dos pais, filhos, irmãos e entes queridos são passíveis de aplicação do modelo dual do luto. (BUSA; SILVA; ROCHA, 2019). Neste modelo, entende-se que há dois trabalhos a serem realizados: o enfrentamento orientado à perda e o enfrentamento orientado à restauração. O primeiro está relacionado ao trabalho com a dor da perda, a vivência e a busca pelo ente querido. Também, a necessidade de realocar os laços afetivos, reflexões sobre a vida conjugal e os aspectos da morte. O segundo volta-se para a reorganização do cotidiano, novas tarefas e adaptação à mudança, como a administração das finanças, o cuidar de casa e questões burocráticas que deixam o processo dificultoso, dessa forma é necessário elaborar estratégias de enfrentamento em resposta a todos os estressores. (GONZAGA; PERES, 2012; SILVA; FERREIRA-

ALVES, 2012). Existe também a oscilação, como o fator inovador da teoria, entendido como a dinâmica de alternância entre os enfiamentos, que podem resultar na construção de significados positivos acerca do luto, da perda e adaptação de vida. A oscilação é importante para o enlutado compreender o passado, viver no presente e almejar sonhos futuros, além de conseguir simbolizar o vínculo com a pessoa perdida. (GONZAGA; PERES, 2012). A oscilação entre os enfiamentos ocorre como resposta aos estressores do luto e aos desafios de seguir em frente com a vida, assim o enlutado terá momentos de confronto com a faceta da perda e no outro, fará outras atividades, como sair com os amigos, assistir a um filme etc. como forma de evitar de pensar no luto. Portanto, a oscilação é um processo que indica a evolução e experiência do luto. (SILVA; FERREIRA-ALVES, 2012). Outras estratégias de enfrentamento são: escrever cartas ou publicações em redes sociais sobre o falecido, realizar eventos virtuais como velórios, memoriais, missas, cultos; fazer ligações por voz ou videochamadas; aceleração dos processos burocráticos; organizar um livro de condolências para que a rede de contato divida histórias, situações ou sentimentos pelo falecido (LUKACHAKI *et. al*, 2020; BRASIL, 2020). Conforme Gonzaga e Peres (2012), normalmente o trabalho com o enlutado inicia com as estratégias voltadas à perda, e gradativamente o trabalho orientado à adaptação da nova vida ocorre conforme as necessidades de cada sujeito.

Conclusão: O isolamento social e o luto são fatores que alteram o cotidiano do enlutado, como as novas responsabilidades que eram do ente falecido e adaptação ao mundo pandêmico vão fazer eclodir sentimentos intensos de tristeza, pesar, raiva ou mesmo depressão e isolamento psicossocial. Dessa forma, o trabalho com o luto neste momento vai passar por oscilações conforme o modelo dual do luto, ora sendo de enfrentamento à perda, no acolhimento e ressignificação da morte, ora de enfrentamento à restauração, pela elaboração de estratégias adaptativas à nova realidade. Portanto, pode-se presumir que o modelo do processo dual do luto é um recurso ao enlutado e ao psicólogo, dentro de seu manejo, para enfrentamento ao momento.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo do processo dual do luto. Pandemia. Covid-19.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19. Processo de luto no contexto da Covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus/saude-mental-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em 25 set. 2021.

BUSA, A. L. A.; SILVA, G. B. da; ROCHA, F. P. O luto do jovem adulto decorrente da morte dos pais pelo câncer. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 39, e183780, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3M7tLbVjGCmyVkTSNhNh8XP/?lang=pt#>. Acesso 13 set. 2021.

GONZAGA, I. Z. M.; PERES, R. S. Entre o rompimento concreto e a manutenção simbólica do vínculo: particularidades do luto de cuidadores familiares de portadores de doenças crônico-degenerativas. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 9, n. 1, p 1-60. 2012.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100003. Acesso 07 set. 2021.

LUKACHAKI, K. R. dos S. et. al. Luto e Covid-19: alguns aspectos psicológicos. *Cadernos de psicologia*, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/edicoes/numero_01_2020/. Acesso em: 25 set. 2021.

OLIVEIRA, D. S. A.; BISCONCINI, K. P.; GUTIERREZ, B. A. O. Processo de luto diante da pandemia: repercussões frente à Covid-19 no Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, n. 23 (Número Temático Especial 28, “COVID-19 e Envelhecimento”), p. 499-516, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/51591/33677>. Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA, M. das D. F. da; FERREIRA-ALVES, J. O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 25, n. 3, p. 588-595. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/3tSjhYY3jWbg7BHGBkMwdSr/?lang=pt>. Acesso 07 set. 2021.

STROEBE, M; SCHUT, H. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. **Death studies**, v. 23, n. 3, p. 197-224, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/074811899201046>. Acesso 06 set. 2021.